

**uepb**  
Universidade  
ESTADUAL DA PARAÍBA  
Centro de Humanidades  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANDERSON CESAR DA SILVA SANTOS

**UM BREVE OLHAR SOBRE O CONTO *NEGRINHA*, DE  
MONTEIRO LOBATO**

GUARABIRA – PB  
2012

ANDERSON CESAR DA SILVA SANTOS

**UM BREVE OLHAR SOBRE O CONTO *NEGRINHA*, DE  
MONTEIRO LOBATO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof.Ms João Paulo Fernandes

GUARABIRA - PB  
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S237b Santos, Anderson Cesar da Silva

Um breve olhar sobre o conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato / Anderson Cesar da Silva Santos. – Guarabira: UEPB, 2012.

19f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Ms. João Paulo Fernandes.

1. Personagem 2. Literatura Brasileira  
3. Monteiro Lobato I. Título.

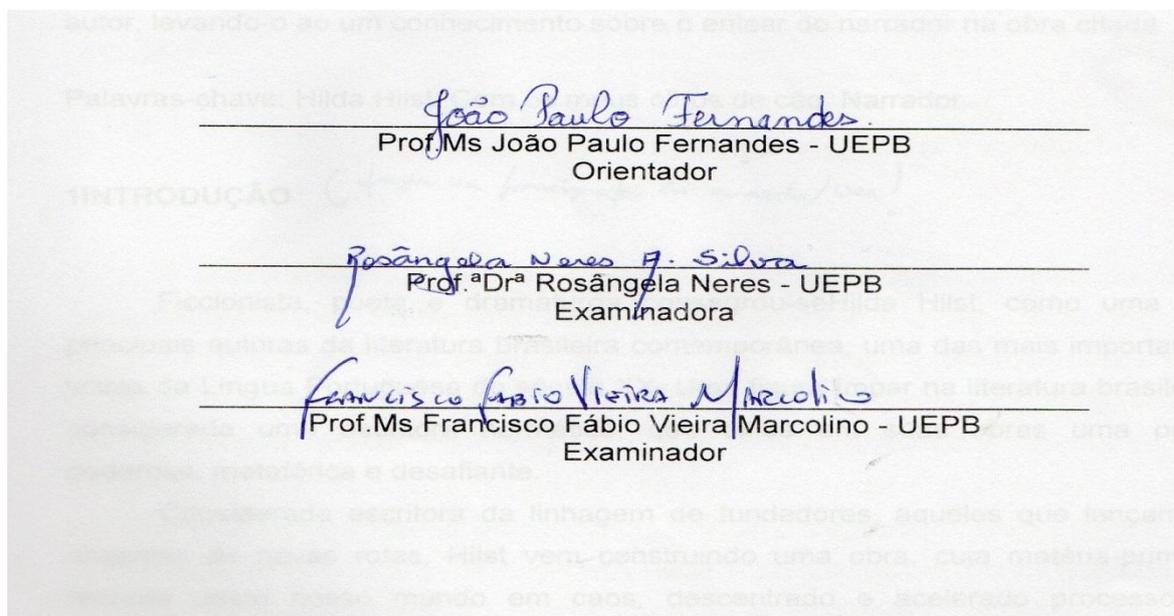
22.ed. CDD 808.89

ANDERSON CESAR DA SILVA SANTOS

## UM BREVE OLHAR SOBRE O CONTO NEGRINHA, DE MONTEIRO LOBATO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em 06 de novembro de 2012



# UM BREVE OLHAR SOBRE O CONTO NEGRINHA, DE MONTEIRO LOBATO

SANTOS, Anderson Cesar da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

A literatura se configura na sociedade pela importância em dialogar com verdades factuais e ficcionalizadas, permitindo refletir sobre os contextos reinventados pelos autores. Dessa forma, objetivamos olhar no conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato algumas nuances do sujeito. É sobre essa perspectiva da literatura como parte integrante e essencial da sociedade que a nossa pesquisa se debruça, com o intuito de debater sobre o papel da literatura na sociedade e bem com sobre a fundamentação teórico-metodológico de CANDIDO (2006), MOREIRA (2009), FOUCAULT (2002), entre outros que corroboram nossa discussão. A partir dessa intersecção, é possível compreender o universo da obra de Monteiro Lobato, priorizando um olhar acerca das personagens no conto em análise.

**Palavras-chave:** Função Social. Literatura. Sociedade. Negrinha. Monteiro Lobato.

## 1INTRODUÇÃO

A literatura como fenômeno de invenção constrói e caracteriza a si e a realidade de que é feita, do entrelaçamento de vários fatores sociais, ou seja, uma obra literária não é um produto imóvel, que existe no vácuo. Ela é resultado das várias facetas sociais que compõem o universo da civilização humana que conhecemos bem como sua relação com as experiências humanas.

É relevante entendemos que a obra literária em si e por si só, desenvolve um papel importante na sociedade, como instrumento de representação do mundo, instrumento de catarse, diversão, autoconhecimento, contextualização histórica, entre outros.

Essa diversidade na qual a literatura se insere, inclui-se a escola e outros ambientes sociais em que envolve os livros literários e a arte do escrever, que

---

<sup>1</sup> Formando em Letras no período 2012.2, sob orientação do Prof. Doutorando João Paulo Fernandes. E-mail: [c06@bol.com.br](mailto:c06@bol.com.br)

trazem em suas nuances – da poesia à prosa – hoje é muito reconhecida no meio sociocultural, além de entendida e divulgada; contudo ainda é difícil em nossa sociedade olhar a leitura de livros literários, em especial no território popular, e enxergar a relevância de estas serem capazes de transformar realidades.

Abordando estas questões, este texto preocupa-se em trabalhar com o conto de Monteiro Lobato, intitulado “*negrinha*”, e a partir das discussões levantadas no corpo do texto e reflexões feitas sobre o conto citado, pretendemos explicitar a importância da literatura para a sociedade e como a literatura pode influenciar mudanças sociais, ao mesmo tempo em que mostrar a realidade da sociedade.

Para a elaboração deste trabalho, tomamos referenciais teórico-críticos de Antonio Candido (2006), Marisa Lajolo (2002), entre outros que corroboram com nossa discussão, de modo que tais aspectos corroborem com nosso olhar acerca do conto selecionado. Nessa perspectiva, objetivamos lançar nosso olhar sobre *Negrinha*, narrativa de Monteiro Lobato, aproximando compreensões entre fatos narrados em relação à sociedade.

A partir dessas considerações, os efeitos causados no leitor, seja pelo efeito narrativo, ou ainda pela provocação frente ao tema abordado na obra, estabelecem pela literatura a necessidade de diálogos com a sociedade, na qual se confunde realidade e ficção.

## **2 A LITERATURA: ASPECTOS RELEVANTES**

“*Literatura e sociedade*” (2006), de Antonio Candido, referencia, essencialmente a relação que há entre literatura e sociedade, de modo que evidencia uma função que vai além da visão leiga que muitos têm, de ser a literatura uma expressão artística que trabalha apenas com a ficção, a não realidade. A literatura tem uma função que extrapola em muito essa ideologia de ser apenas uma expressão artística; dentre suas variadas funções uma ação importante é a que esta desempenha perante a sociedade.

Muitas são as teorias que defendem, mostram, e legitimam a literatura como um elemento de poder social surpreendente, que sobressai e vai além da mera função de escrita para divertir, fazer arte ou entreter o tempo dos ociosos.

A função social comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade. (CANDIDO, 2006, p. 46).

Com isso, Candido (2006) explicita que o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra literária e suas ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre os leitores.

Não é por acaso que a literatura é a realização de um trabalho cognitivo árduo, que requer estudo, concentração, reflexão, uso das mais variadas atividades cerebrais humanas, em uma tentativa de exprimir em palavras realidades, ideias, sonhos que podem transformar o mundo de quem a ler.

Segundo Hênio Tavares (1996, p. 32):

Literatura, conseqüentemente, no sentido mais amplo, é toda e qualquer manifestação do sentimento ou pensamento por meio da palavra. Daí a célebre definição de Se Bonald quando a chamou de “expressão da sociedade”. qualquer obra em prosa ou verso, de conteúdo artístico ou científico, que envolva conhecimento da vida e dos homens, será literatura.

E, se considerarmos bem esse papel da literatura em face da sociedade, mesmo a literatura fantástica, veremos que nela a realidade do social se fará presente, pois mesmo que se crie um mundo extravagante, com personagens inovadores, em um espaço e tempo indeterminados, mesmo aí a presença da realidade social de que o autor faz parte, achará uma forma de se manifestar na obra.

A função social independe da vontade ou da consciência dos autores, pois acontece da própria natureza da obra, da sua introdução no espaço dos valores culturais e do caráter de expressão (PUCHEU s/d). Só que, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos projetos conscientes, que passam a formar camadas de significado para a obra.

Na tessitura da obra literária, ler e compreender tem que haver uma cumplicidade tanto entre o autor e sua obra como entre o autor, sua obra e o público, pois esta cumplicidade garante a sobrevivência da obra e das ideias do autor, contanto que de alguma forma ambos consigam encontrar a realidade dos elementos sociais que conhecem.

O artista quer atingir determinado fim; o leitor deseja que ele lhe mostre determinado aspecto da realidade, e isso mostra que o escritor, não é apenas o indivíduo capaz de exprimir a realidade e a sua originalidade, mas é também alguém que desempenha um papel social importante, ocupando assim uma posição relativa a si mesmo e que corresponde a certas expectativas dos leitores.

Tanto os valores que a sociedade dispõe em relação à cultura, à comunicação e ao contexto histórico em que a mesma está inserida, exercem influência na construção da obra, sobretudo na forma, e, através dela, nas suas possibilidades de atuação com o meio social, como os processos de individualização do escritor também interferem na tessitura dos textos.

A isto, acrescenta Antonio Candido (2006) que “A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. (CANDIDO, 2006, p.46).

Com isto, Candido (2006) ressalta o poder social da literatura, sobre os indivíduos, bem como o poder que elas mesmas podem exercer umas sobre as outras, pois na medida em que o sujeito social toma consciência de uma obra literária, ele impregna-se com o conteúdo daquela e, conseqüentemente, com a visão social e política que está inserida. Pois é contraditório pensar que a literatura está dissociada, assim como seu mentor, da sociedade e dos problemas que afetam esta.

A literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se construir e caracterizar a si e a realidade de que é feita, do entrelaçamento de vários fatores sociais, ou seja, uma obra literária não é um produto imóvel, fixo, único para o público. Na verdade, são dois termos que atuam um sobre o outro – a obra e o público - e aos quais se juntam o autor, que é termo inicial desse processo para configurar a realidade da literatura, atuando no tempo em que a obra está inserida.

A posição do escritor depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não deveria corresponder necessariamente ao seu próprio conceito social. Contudo, como desvencilhar da obra o eu de quem a está compondo? Pois se é justamente neste fator, a presença de uma visão conceitual sobre determinada realidade social, pessoal, que se é possível exprimir o reconhecimento dos elementos tanto coletivos como individuais da atividade de escrever e que deste modo se justifica na sociedade.

Esse poder que a literatura tem de mostrar a sociedade de forma crua, mas ao mesmo tempo tão particular e suave, é um dos elementos fundamentais que caracterizam o poder que ela tem sobre o social, pois aí se encontra a liberdade – elemento único que outras formas de literatura não têm – a liberdade para dizer a verdade sem a censura do escrever, do ler, do interpretar. Lembre-se aqui também que não é novidade, e a história comprova isso, que muitos governos ditatoriais proibem a vinculação de certos tipos de livros, pois eles sabem e entendem o poder que um movimento literário poder ter. (LAJOLO, 2002).

A literatura também é instrumento educativo, divulgador de ideias novas, incentivador de mudanças, de diversão e cultura. Não é por acaso que Pound considera “A linguagem foi obviamente criada e é, obviamente UTILIZADA para a comunicação”. Ou ainda que, “Literatura é novidade que PERMANECE novidade.” (POUND, 2006, p. 33), o que reverbera uma nação e seu agir perante aos acontecimentos, costumes, tradições, modos de ser, agir, pensar, enxergar o mundo e a si.

Se a obra é mediadora entre o autor e o público, Antonio Candido (2006) afirma que “o público é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela é mostrada através da reação de terceiros” (CANDIDO, 2006, p.76).

Deste modo, a relação autor – público - obra, junta-se a outra série: autor – obra - público. Em um movimento de duplo sentido, onde o que eu, autor, tenho, é entregue ao público através de minhas obras; e que por sua vez o que minha obra tem, só me é entregue através da leitura e reação do público.

O termo Literatura tem um vasto campo semântico e pode ser entendido desde, como o conjunto de escritos de uma época, ou de um artista, como a um conjunto de propagandas de um produto, porém a sua função não sai do mundo das letras. Todo o seu significado sempre o levará ao mundo dos escritos, ou seja, a literatura está completamente ligada ao fazer escrito, principalmente no que diz respeito a arte. Mas o entendimento sobre o que é literatura, vai além.

A busca por uma significação, sentido mais profundo sobre literatura, especialmente a literatura artística, que é aquele conjunto, ou apenas uma obra de cunho inteiramente literário e que traz em suas linhas uma essência que emociona, se entranha no pensamento dos outros homens e vai além de seu tempo e espaço.

A literatura como aquele bem imaterial, que vai além de qualquer expectativa e que muitos não sabem explicar, que domínio é esse que ela tem sobre quem a ler, é ainda uma incógnita, uma excitante incógnita que acalenta pesquisas de toda uma vida, em busca de respostas objetivas.

Contudo podemos salientar aqui que a literatura é algo subjetivo, tal qual o ser humano, e quer destrinchá-la e traduzi-la em fórmulas diretas, acreditamos ser algo que nunca acontecerá, embora as tentativas para tal sejam muitas.

A funcionalidade da literatura propriamente é algo bastante difícil de ser explicada e entendida. Muitos até podem entender seu significado, ou dar-lhe um significado particular e, vários são os que defendem pontos de vista diferentes sobre essa questão, no entanto alguns estudiosos, literatos renomados vem ao longo dos anos tentando delimitar a função da literatura. (PUCHEU S/D)

Para fins de elucidação sobre a funcionalidade da literatura, vejamos o tom irônico com que Umberto Eco, consagrado escritor e semiólogo italiano, traz relevantes informações sobre a importância e função da literatura e, é enfático ao dizer:

Mas para que serve esse bem imaterial, a literatura? Eu poderia responder, como já fiz noutras vezes, dizendo que ela é um bem que se consuma "gratia sui" e que portanto não serve para nada. Mas uma visão tão crua do prazer literário corre o risco de igualar a literatura ao jogging ou às palavras cruzadas, que, além do mais, também servem para alguma coisa, seja manter o corpo saudável, seja enriquecer o léxico. Do que estou tentando falar é, portanto, da série de funções que a literatura tem na nossa vida individual e social. A literatura mantém a língua em exercício e, sobretudo, a mantém como patrimônio coletivo. (ECO, disponível em <http://biblioteca.folha.com.br>)

Eco, neste pequeno trecho do seu texto "*A literatura contra o efêmero*", publicado no Caderno Mais, da *Folha de São Paulo* (2001), e disponibilizado virtualmente, chama atenção para dois pontos importantes do significado, e funcionalidade da literatura - o particular e o social/coletivo que ela exerce.

O sentido particular que a literatura pode desencadear em nossas vidas, pode ser entendido como aquela significação íntima que cada pessoa atribui a obra no momento em que a ler, é particular, é seu e cada pessoa terá o seu próprio meio de atribuir significado e função para aquilo que está lendo.

É também bastante variável, dependendo em muito de quem a está lendo, em que momento se está lendo e o que busca com essa leitura. Em suma, Candido (2006) explicita tudo isso muito bem e principalmente para o sentido particular da literatura em nossas vidas, quando coloca que a literatura é composta por:

[...] aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2006, p.44).

Já a função coletiva da literatura é a função social, que já muito discutimos no tópico anterior. No entanto outra característica dessa função coletiva é importante ser lembrada aqui, pois como o próprio Eco chama atenção para ela, é a função do movimentar da língua, o “manter a língua em exercício”. Pois dentro de uma de suas múltiplas funções a literatura tem essa característica também, a de trazer a língua sempre em evidência.

A manutenção de uma língua, o poder transformador, reacionário social, a psicologia, complexidade, magia que a literatura pode exercer sobre um indivíduo, tudo isto são apenas algumas das fortes características que fazem da literatura um elemento humano crucial para a vida em sociedade.

### **3 UM OLHAR SOBRE O CONTO “NEGRINHA”, DE MONTEIRO LOBATO**

Antes de debruçarmos sobre o texto em questão, é importante considerar algumas informações acerca do autor Monteiro Lobato. José Bento Monteiro Lobato, ou simplesmente Monteiro Lobato (1882-1948), foi ensaísta, contista, tradutor, homem de negócios da época, e marcou o cenário da Literatura brasileira como o lendário escritor do público infante-juvenil, criador do universo ficcional do Sítio do Pica-pau Amarelo; bem como narrativas direcionadas ao público adulto.

Nesse contexto, destacamos *Negrinha*, narrativa curta, escrita em 1920, em que plasma a história de uma criança negra, pobre e que vive de favores na casa de D. Inácia. O texto nos conduz à reflexão de uma problemática social, caracterizando o sujeito social e sua relação com ideologias e práticas de uma determinada época.

O conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, presente no livro de mesmo nome, lançado em 1920, é um pequeno texto, no qual o narrador de modo irônico e por vezes cruel nos relata as agruras e desventuras de uma criança órfã, filha de escrava.

Negrinha, era uma mulatinha, “negra retinta”, órfã aos quatro anos de idade, filha de escrava e cuja paternidade não é definida no conto. A época da narrativa, contava com sete anos de idade, mas de tão magra, franzina, fraquinha no aspecto físico temos a impressão de que a está não aparentaria mais do que apenas dois ou três anos de idade. “Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.” [...] Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados.” (LOBATO, s/d).

O enredo da história se passa em uma casa, propriedade de uma mulher branca e que por “caridade” “cuidava” de Negrinha desde que está ficara órfã. Toda narrativa privilegia dois espaços da casa: a cozinha, onde a pequena órfã fora introduzia desde seu nascimento, “vivera-os pelos cantos escuros da cozinha”; e uma sala onde ela ficava horas sem fim, sentada a um canto da parede sem se mexer e falar e, cuja única companhia era um cuco mecânico que nos intervalos das horas aparecia com seu bico vermelho.

seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. [...] Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas

A partir do trecho destacada, atentamos para um aspecto muito importante neste conto: o uso da constante ironia que o autor faz para falar sobre temas complicados para a sociedade, a exemplo de um personagem negro, os maus tratos infantis, a hipocrisia do clero e da sociedade como um todo. O uso do recurso da ironia faz com que o leitor atente para as reações psicológicas descritos para os

personagens, utilizando de estratégia textual, acentuando elementos de concisão e objetividade próprias do conto.

Voltando ao espaço que preenche a narrativa neste conto é, finalmente, os jardins da casa, pois é neste local, onde a órfã Negrinha vai pela primeira vez se deparar com os prazeres da infância; ou em uma generalização, é nos jardins da casa que Negrinha se deparará com uma nova forma de sentir e vivenciar o mundo – o prazer, que compreende entender o mundo que nos cerca como agradável, confortável, segurança que só a ilusão das alegrias traz.

É nos jardins da casa que, ao brincar com outras crianças de sua idade, e com uma boneca, objeto este jamais imaginado pela menina, se torna o momento decisivo na vida de Negrinha, o que desperta uma consciência de sujeito, de ser humano com direitos e emoções, os quais não são negados.

É importante ressaltar as sensações vividas por Negrinha, uma vez que acaba por promover reflexões acerca do comportamento humano. Pertinente a isso, resgatamos a discussão sobre o direito à literatura trazido por Candido, que dialoga com a necessidade do contato entre o desejo e o desejado.

Embora Lobato tenha sido e seja atualmente criticado por alguns estudiosos de sua obra, como um divulgador de idéias racistas (alguns críticos da literatura brasileira), em especial pelo livro “*Historias de Tia Nastácia*” (1937), e “*Idéias de Jeca Tatu*” (1919), não se pode ao analisar uma obra literária esquecendo de seu contexto.

As associações entre raça, gênero e nação são explícitas, mas demandam fontes históricas e perspectiva crítica para compreender o que levava pessoas como Lobato a verem na eugenia um antídoto para os males que afligiam a população brasileira. (MISKOLCI, 2005).

Ao se debruçar sobre um texto literário é necessário entrever o contexto e seus diálogos com vivências e relações com a sociedade. Dessa forma, não é pertinente enfatizar questões infundadas, principalmente quando o objeto de estudo é literário, ou seja, o autor (res)significa contexto, pessoas, ambientes entre outros elementos através da palavra.

Nessa perspectiva, tomamos o espaço ficcional criado pelo autor para compreender situações que dialogam com a realidade, porém, não determina, sequer permite leitura acerca de caracterizações ao autor enquanto juízo de valor.

Pertinente, apontamos um olhar direcionado à criação de personagens que permitem, no universo literário, compreender os aspectos que caracterizam o sujeito como parte integrante da narrativa.

Através dos personagens do conto Negrinha, participamos como leitor de um universo que emerge questões sociais, que acabam por caracterizar um época do país. Seria complicado afirmar tais questões com reprodução de racismo ou coisa parecida, uma vez que a literatura não tem essa função. É pertinente considerar que Lobato apresenta personagens transgressores aos bons costumes, ou ainda contradigam o modelo de uma sociedade dominante.

Embora posturas equivocadas associe Lobato como autor racista e preconceituoso, não temos materialidade textual para corroborar com tais proposituras. Dessa forma, suscitamos às questões relevantes ao domínio da obra literária, ou seja, o que nos interessa é compreender o universo da pequena Negrinha e adjacentes no ditame da obra.

Como nos coloca Foucault (2002) ao tecer considerações sobre a função do autor, destacamos o que tange ao autor e o discurso presente no texto:

Provavelmente, tenta-se dar a este ser racional um estatuto realista: seria no indivíduo uma instância “profunda”, um poder criador, um “projeto”, o lugar original da escrita. Mas de facto o que no indivíduo é designado como autor (ou que faz do indivíduo um autor) é apenas a projecção, em termos mais ou menos psicologizantes, do tratamento a que submetemos os textos, as aproximações que operamos, os traços que estabelecemos como pertinentes, as continuidades que admitimos ou as exclusões que efectuamos. (FOUCAULT, 2002 p. 50-51).

De acordo com Foucault, o “autor” tem uma função exterior e anterior ao texto, ou seja, a presença do autor em uma obra, um texto a antecede e a sucede, e ao mesmo tempo mantém com a obra uma relação de afastamento, de superficial, a medida que muito se discute a influência da pessoa do autor com o substancial do texto produzido por ele.

Entendido isso, ao se analisar textos literários, como o conto Negrinha, é necessário percepção aguçada, ver o que está além e não se deter apenas aos primeiros efeitos que a obra provoca.

Por ser um conto sinestésico, é passível ao leitor caminhar por elementos plurissêmicos, ou seja, que permitam interpretações. Nessa pluralidade sugerida

pela linguagem literária, tangenciamos os equívocos, e adentramos no conto, olhar a crueldade que apregoa à órfã Negrinha.

Descartada a ideia do preconceito, apontamos questões acerca da formação do sujeito na construção de sua identidade, ou a perda dela. Considerando-se a tessitura formal e de conteúdo do conto, voltamos nosso olhar às instâncias sociais presentes na narrativa pela figura do padre e de D. Inácia, os quais representam os sujeitos de uma sociedade justa.

No entanto, os efeitos de caridade não passam de papéis forjados e assumidos pelos mesmos, dadas as ações de aspereza e maldade à Negrinha. É através desses personagens, “Dona Inácia” e do “Padre”, que constatamos a descrição de comportamentos próprios de uma sociedade estabelecida no início do Século XX, uma vez que as relações de poder se configuram por proprietários, igreja, entre outras instâncias sociais.

Negrinha é a personagem principal do conto e a representante da classe social mais baixa, então da sociedade brasileira, “Nascera na senzala, de mãe escrava”. Já Dona Inácia, é a mostra da sociedade burguesa da época, que não se acostumara com o regime novo (ex-escravocrata), em adaptação aos novos moldes sociais, ou seja, de um período em transição, que vai abandonar a postura de dona de escravos.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. [...]Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

[...]

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! (LOBATO, s/d)

Por fim o Padre, que embora não tenha uma grande participação na história, sua presença é fundamental para se entender as ideologias que perpassam a sociedade, além de podermos interpretá-lo como estereótipo do clero e do próprio ser humano que em face do poder que outro exerce sobre si, se torna apático e passivo da própria realidade.

Mesmo com todas as marcas de crueldade e formas de sadismo da Dona Inácia sobre Negrinha, a presença do padre vem apenas para confirmar a “boa índole” de D. Inácia, e aí temos uma crítica feroz ao regime social vigente da época, e que por vezes podemos aplicar a sociedade atual.

Em uma participação direta no conto, onde o padre toma a fala temos uma demonstração clara de como a sociedade da época se comportava perante as questões raciais: “Depois de castigar Negrinha, enfiando-lhe um ovo quente na boca, segurando-a com a boca fechada e estourado este na boca da pequena” (uma das cenas mais cruéis e chocantes para o leitor), a D. Inácia sai para receber o padre e ocorre o seguinte diálogo:

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah, monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha da Cesária — mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora — murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale... (LOBATO, s/d)

Aqui se apresenta os possíveis papéis assumidos por um sujeito na sociedade, isto é, mudanças comportamentais que giram em torno de sua identidade perante a sociedade clerical. A ironia com que as falas dos personagens, ao se associar ao contexto do que acontecera instantes antes (o castigo), expõe uma visão sobre o próprio ser humano, como este é capaz de cometer barbaridades e ainda assim se julgarem perfeitos.

A crueldade e a ironia são percebidas pelo narrador quando apresenta o pequeno tempo de vida em que Negrinha viveu sob os “cuidados” de D. Inácia e os resultados que estes “cuidados” teve sobre a criança, pela sinestesia em que o texto foi trabalhado, leva o leitor a repugnância, ao desespero, e por fim ao alívio, com a morte da pequena personagem.

A morte de Negrinha é uma fuga para esta e para os próprios leitores, pois com a morte desta fica-nos a impressão de que, diante da vida de agruras da personagem, a morte é uma recompensa que livra Negrinha de sua terrível

benfeitora. Além de despertar no leitor diversas inferências no que tange ao final trágico de Negrinha, bem como outras possibilidades de salvação de suas dores e sofrimento.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Negrinha, de Monteiro Lobato, intitula o livro de contos lançado em 1920. Este também é o nome da personagem central do conto, caracterizada como uma negra órfã, que tem seus últimos dias de vida fadados ao sofrimento provocado por D. Inácia, delinea o início do século XX e uma sociedade com seus costumes ainda voltados às práticas escravocratas e clericais.

Observamos o contexto de sua produção que dialoga com comportamentos de sujeitos, a que associamos à literatura a possibilidade de ficcionalizar acontecimentos de uma determinada época. Nessa compreensão, compreendemos a pertinência da obra de Lobato e sua contribuição à Literatura brasileira, enquanto representação, considerando os elementos de verossimilhança.

A partir desse aspecto, esperamos confrontar equívocos que insistem em denominar a obra de Monteiro Lobato como racista e preconceituosa, mesmo não sendo objeto de estudo deste trabalho, assumimos o papel de leitor para compreender que a obra literária é (res)significa pela palavra e entidades ficcionais.

Traçadas essas considerações, esperamos contribuir com o acervo acadêmico tangente à produção de Monteiro Lobato, proposituras de leituras que vão além do recorte superficial, que muitas vezes emoldura a obra, porém, atentamos a pluralidade sugerida pela narrativa, em que o sujeito faz parte do cenário social, e pode ser trazido ao plano literário pelo processo da invenção.

As narrativas de Lobato embora não tenham recebido reconhecimento merecido, não passaram despercebidas. Envoltas em meio ao tumulto do pré-modernismo e modernismo brasileiros da década de 20, os textos de Lobato, em especial os seus contos e romances adultos, diferenciando-se de sua produção infanto-juvenil, trazem um viés ao entendimento de questões que marcaram épocas, mas que ainda hoje são relevantes ao leitor e crítico.

Fazendo ponte com nosso tema, o conto “*Negrinha*” permite ao leitor compreender os diversos papéis assumidos por D. Inácia no contexto social

burguês, bem como as nuances refletidas pelo encontro de Negrinha e a boneca, até mesmo sua morte, a qual metaforiza um distanciamento das coisas, ou seja, a possibilidade de uma nova vida, que só é possível longe daquele ambiente inóspito e opressor.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Ed. 10. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

ECO, Umberto. A Literatura Contra o Efemero. Disponível em <http://biblioteca.folha.com.br/1/02/2001021801.html>. Acesso em 20/05/2012.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Vega, Passagens, 2002.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2002.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. Disponível em <http://www.bizu.pro.br/materias/marilne/negrinha.pdf>. Acesso em 26/01/2012.

MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. Coleção Primeiros Passos; 74. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MISKOLCI, Richard. *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Stepan NL. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2005. 228 p. (Coleção História e Saúde). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2006000100028](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000100028)

MOREIRA, Vitor Lopes. *Antonio Candido*. Disponível em <http://ifcsianovitor.blogspot.com/2009/07/candido-antonio-literatura-e-sociedade.html>. Acesso em 05/05/2012.

POUND, Ezra. *Abc da literatura*. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PUCHEU, Alberto. *A Literatura Para que serve*. Disponível em: [http://www.albertopucheu.com.br/pdf/ensaios/literatura\\_serve.pdf](http://www.albertopucheu.com.br/pdf/ensaios/literatura_serve.pdf). Acesso em 10/03/2012

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. WAGNER, Tânia Maria Cemin. *Leitura do texto literário: prazer e aquisição de conhecimentos*. Disponível em [http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva\\_2007\\_02/05\\_DossieCecil.pdf](http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2007_02/05_DossieCecil.pdf). Acesso em 30/07/2012.